

# Influências biológicas, psicológicas e sociais do vestibular na adolescência

Maria de Lourdes Periyoto Guhur\*

Raiani Nascimento Alberto\*\*

Natália Carniatto\*\*\*

## Resumo

Este estudo mostra as reflexões decorrentes de uma pesquisa<sup>1</sup> realizada para investigar o significado do exame vestibular para os adolescentes, um desafio que ocorre em um momento em que estes se veem muito indecisos quanto à sua própria identidade. A pesquisa foi realizada com jovens de ambos os sexos, entre 16 e 19 anos. Os dados foram coletados em duas escolas de ensino médio (uma particular e uma pública) da cidade de Maringá, PR, mediante o uso de um questionário. Os alunos participantes que se submeteram ao exame vestibular no final do ano de 2009 afirmaram que esse fato tem interferido, de maneira intensa, em seus hábitos e comportamentos, alterando, inclusive, seus relacionamentos interpessoais, por gerar ansiedade, angústia, inquietação, estresse. Destaca-se, ainda, ter havido, da parte dos que frequentam a escola pública, aprovação quanto às mudanças introduzidas pelo ENEM, posição totalmente contrária a dos alunos da escola particular. Os resultados demonstram que a obrigatoriedade de optar por uma profissão que deverá ser exercida pelo resto da vida, por meio da realização do exame vestibular, tem um peso muito grande sobre o jovem. Isso se deve ao fato de o adolescente estar experienciando os conflitos inerentes à crise de identidade, de cuja resolução dependerá o seu ajustamento futuro. Palavras-chave: Adolescência. Vestibular. Identidade. Conflitos.

---

\* Docente da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teoria e Prática da Educação. Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5.790, Jd. Universitário, Maringá, Paraná, Brasil; 87020-900, [jvasterix@wnet.com.br](mailto:jvasterix@wnet.com.br)

\*\* Acadêmica do Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Laboratório de Biotecnologia Microbiana, Universidade Estadual de Maringá; [raiani\\_mica@hotmail.com](mailto:raiani_mica@hotmail.com)

\*\*\* Acadêmica do Curso de Graduação em Ciências Biológicas, Laboratório de Alimentação de Peixes, NUPÉLIA, Universidade Estadual de Maringá; [nati\\_carniatto@hotmail.com](mailto:nati_carniatto@hotmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

Costuma-se entender por adolescência a etapa do desenvolvimento psicossocial que se estende dos 12/13 anos até, aproximadamente, o final da segunda década de vida e, por adolescente, o indivíduo que se encontra entre os dez e vinte anos de idade, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 2º, estabelece outra faixa etária: “[...] considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos; e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.” (BRASIL, 2009a). Na realidade, o que se sabe é que essa fase da vida, tal como a se conhece hoje, é fenômeno recente. Sua instalação ocorreu nas sociedades industrializadas e o seu caráter mais ou menos suave ou agitado é apenas uma das consequências das experiências que cada cultura oferece a seus membros jovens (COOL; PALACIOS; MARCHESI, 1995).

Nessa perspectiva, segundo Sposito (2003), o estabelecimento do jovem no mundo adulto precisa ser compreendido como característico a práticas sociais de uma dada época. Por exemplo, no início do século passado, esse processo envolvia três etapas coincidentes: o desapego à família, a escolha de uma profissão e a constituição da vida conjugal. Já na esteira das transformações econômicas e socioculturais provocadas pela revolução industrial, intensas mudanças ocorreram com a descristalização de muitas funções adultas e a sua dissociação do papel adulto. Entre elas, destacam-se: a função reprodutiva e a atividade sexual, o exercício de uma profissão sem o abandono da família ou engajamento em uma relação conjugal ou, ainda, a preparação profissional sem o imediato ingresso no mundo do trabalho. Isso significa dizer que, na cultura ocidental, a incorporação dos adolescentes ao *status* de adulto retardou-se notavelmente, formando-se um novo grupo que desenvolveu seus próprios hábitos e maneiras, e que enfrenta problemas peculiares a essa nova condição (COOL; PALACIOS; MARCHESI, 1995).

Como parte desses problemas, o jovem também vivencia situações de perda, resultantes das transformações que se operam no campo afetivo, cognitivo e social. Perdas que, contraditoriamente, são essenciais à formação de sua identidade e que foram denominadas por Aberastury e Knobel (2000) como “processos

de luto”. Os autores descrevem autora descrevem três processos básicos de luto. O primeiro é o luto pelo corpo infantil, no qual o adolescente tem de aceitar o fato de seu corpo estar passando por modificações biológicas que lhe trazem uma diferente aparência externa, inédita e conflitante com a imagem que tinha de si. O segundo processo é o luto pela quebra da dependência familiar, ou seja, o fato de não poder mais manter sua relação de dependência infantil e de ser incapaz de se tornar totalmente independente. O último luto que ele enfrenta é o da perda de uma fantasia que era vivida desde a mais tenra idade, a da família ideal, que o leva, a partir de agora, a buscar uma nova identidade em outro contexto social, o do grupo (roda de amigos, turma), no interior do qual são estabelecidas marcas (gestos, roupas, linguagens) que permitem sua igualização com os demais.

Simultaneamente a tais transformações na adolescência, também ocorre uma maturação em nível do intelecto, com o jovem procurando entender quem ele é, qual seu papel na sociedade em que vive; quais seus reais interesses; como deve se posicionar diante de problemas de ordem moral e ética, o que o leva a fazer escolhas e a adotar, por vezes, atitudes e ideologias conflitantes. Mais ou menos aos 15 anos atinge a maturidade intelectual, quer dizer, passa para a maneira adulta de pensar, o que não significa que possa tomar decisões ou solucionar problemas como o adulto faz, ou ser tão equilibrado quanto ele em situações novas (MUSSEN, 1977); porém, de posse de um novo instrumento do pensamento (a lógica formal), o jovem pode manifestar uma habilidade crescente para resolver problemas abstratos e considerar possibilidades hipotéticas.

Outro aspecto bastante enfatizado nos estudos sobre a adolescência é o seu estado de transitoriedade, em que o indivíduo não é mais criança, entretanto ainda não tem o *status* de adulto. Esse estado caracteriza, com certeza, aquilo que Erikson (1972) chamou de “moratória social”, um compasso de espera que a sociedade oferece a seus membros jovens enquanto se preparam para exercer os papéis adultos e, em cujo decorrer, são vivenciadas inúmeras transformações, as quais recebem interpretações e significados diferentes, dependendo do momento histórico e cultural.

Erikson (1972, 1998), um teórico da linha psicanalista, mas que incorporou em suas pesquisas dados da antropologia social, enfatiza que o ser humano tem necessidade de organizar suas experiências em um sistema conjunto. Ele propôs a ocorrência de etapas no desenvolvimento da personalidade, caracterizadas como

“as oito idades do homem”. Em cada uma delas ocorreria uma crise no núcleo do ego, crise que, uma vez resolvida, conduziria a pessoa à mudança e à ampliação de suas conquistas e relacionamentos em uma perspectiva interpessoal. A etapa da adolescência (a 5ª idade do homem) é considerada por esse autor como a mais importante, por ser o período em que o jovem vivencia a crise da identidade, quer dizer, deve descobrir a si, definir quem ele é, seus valores, bem como os projetos que pretende realizar ao longo da vida. No âmbito desses projetos, ocupa grande importância a identidade ocupacional, uma das questões que mais preocupa e aflige o jovem e cuja dificuldade de definição serve como um ataque ao processo de formação de identidade, configurando momentos de crise, de conflito e de estresse maior nesse período da vida.

Juntamente com Erikson, outros autores, entre os quais Marcia (apud ROCHA; RIBEIRO; PEREIRA, 2006) e Kalina (1979) afirmam que os períodos de crise e de confusão são essenciais na formação psicossocial da identidade. As crises são momentos em que os adolescentes questionam e repensam valores pre-estabelecidos e decisões já tomadas, isso podendo ser feito de forma repentina ou gradual, o que os leva a ter fama de rebeldes, uma vez que estão sempre questionando e se posicionando contra, nos embates com os mais velhos ou que representam uma autoridade (ROCHA; RIBEIRO; PEREIRA, 2006). Essa situação se torna mais complexa ainda para aquele jovem que almeja ingressar em uma profissão que exige um preparo acadêmico de nível superior. Nessa circunstância, o exame vestibular, que é a porta de entrada na academia/universidade, configura-se como mais uma fonte de comprometimento, já que os jovens assumem esse compromisso como um meio de alcançar seu futuro sucesso profissional. Por isso, a questão da escolha profissional passa a ter importância na constituição da identidade pessoal do indivíduo.

## 1.1 IMPORTÂNCIA DA ESCOLHA DA PROFISSÃO

Sabe-se que depois de certa idade (e essa idade varia de acordo com a posição do jovem na sociedade, em termos de pertencimento a uma determinada classe social), todos têm de trabalhar para sobreviver, e ninguém gostaria de passar o resto de sua vida dedicando energias a alguma tarefa que lhe desagrade. As-

sim, a escolha de uma ocupação ou de uma profissão torna-se muito importante para o jovem (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2005), tendo em vista o comprometimento ou compromisso que ele terá de assumir, já que uma escolha/definição também serve como orientação para seu modo de lidar com as experiências emocionais. Por seu intermédio, o indivíduo passa a se relacionar intimamente com determinado papel, tornando-se comprometido emocionalmente com este (MARCIA, 1966 apud ROCHA; RIBEIRO; PEREIRA, 2006).

## 1.2 CONTRASTE ENTRE PRÉ E PÓS-CAPITALISMO

A ideia de que o indivíduo escolhe sua ocupação ou profissão com base nas condições sociais em que vive e em razão de suas habilidades, aptidões e interesses, é algo que teve início quando se instalou na sociedade o modelo de produção capitalista. Antes do capitalismo, o indivíduo tinha sua ocupação determinada pelos laços de sangue, quer dizer, a sua ocupação vinha “de berço” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2005). Com o processo de globalização, a diversidade de profissões de áreas de atuação tem crescido a cada dia, aumentando os dilemas dos adolescentes (que compõem uma determinada camada da população) sobre o que escolher. Muitos jovens recebem uma verdadeira sobrecarga de informações e acabam optando por uma profissão com base muito mais nos referenciais externos do que nos próprios anseios, podendo tornar-se um profissional frustrado. No entanto, não se deve considerar que o futuro de uma pessoa dependa exclusiva ou totalmente de sua opção profissional e tampouco que a escolha de uma profissão não possa ser, a qualquer momento, alterada.

## 1.3 DILEMA ESCOLHA PROFISSIONAL NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Os próprios exames vestibulares, extremamente disputados, também podem influenciar na escolha dos jovens, porque, para alguns, o ritual de passar no vestibular acaba sendo mais importante do que o curso em si. Desse modo, alguns, pressionados por várias exigências (sejam familiares, financeiras, sejam por não se sentirem preparados), acabam escolhendo um curso menos concorrido para pas-

sarem no primeiro vestibular, deixando sua preferência de lado. O grupo familiar e o grupo de amigos são os dois grupos de onde vêm as principais pressões e os principais elementos para que o indivíduo se referencie ao escolher qualquer coisa, inclusive sua profissão (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2005). Por isso, os pais devem facilitar a escolha, abrindo-se ao diálogo e promovendo oportunidade ao adolescente de conhecer suas habilidades e suas motivações. É nesse momento que um serviço de orientação vocacional pode auxiliar profundamente, por facilitar a descoberta das preferências e propiciar autoconhecimento.

#### 1.4 O ACESSO À UNIVERSIDADE *VERSUS* CLASSE SOCIAL *VERSUS* QUALIDADE DO ENSINO MÉDIO

Para a realidade social brasileira, a escolaridade é um dos fatores mais valorizados e tem sido exigida como requisito mesmo para ocupações consideradas simples. Nesse sentido, e sabendo que a possibilidade de acesso e permanência na escola está diretamente relacionada à condição social e econômica do grupo familiar (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2005), entende-se que o exame vestibular é um divisor de águas na carreira acadêmica. Por meio dele, determinada categoria de jovens pode adentrar ao ensino superior e vislumbrar oportunidades de trabalho em áreas mais valorizadas socialmente. No entanto, a parcela maior de adolescentes não continua os estudos após o término do ensino médio, já que deve escolher uma profissão de imediato. Isso acontece muito cedo, com 16 ou 17 anos, antes mesmo de entrar na idade adulta; já um jovem de 17 anos, de uma camada social com maior poder aquisitivo, pode escolher uma profissão de nível universitário. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2005), há que se perguntar se é muito cedo para isso. A autora responde que depende, porque, se considerada a sociedade como um todo, é possível afirmar que este jovem tem o privilégio de poder escolher uma profissão, enquanto que a maioria se engaja no trabalho muito mais cedo, quase sempre sem nenhuma escolha. Além da questão financeira, a qualidade do ensino médio tem sido avaliada como bastante precária, sobretudo nas escolas públicas. Nelas são comuns o despreparo dos professores e a falta de estrutura adequada e, dificilmente, são fornecidas informações ou propiciadas atividades alternativas para que os jovens reflitam sobre aspectos importantes para

uma escolha ou sejam encaminhados para uma profissão, ao contrário de alguns países da Europa, por exemplo, onde a orientação vocacional faz parte do currículo escolar.

## 1.5 DEFINIÇÃO DE ESTRESSE E DISCRIMINAÇÃO DOS EVENTOS ESTRESSORES

De qualquer maneira, independentemente da classe social do aluno, o momento do exame vestibular coincide com este turbulento período da vida que é a adolescência, fazendo com que a tomada de decisão a respeito do futuro profissional gere grandes ansiedades, visto nela se manifestar uma série de mecanismos – interferência parental na escolha do curso, ausência de uma visão realista a respeito de determinadas áreas de conhecimentos ou profissões e, ainda, a relação custo-benefício do curso a ser realizado, que acabam por pressionar o jovem. À turbulência emocional vivida durante a adolescência, é acrescida a responsabilidade pelo compromisso com a escolha da carreira futura. Toda essa situação gera um estado de tensão e estresse emocional.

De acordo com Pimentel-Souza et al. (1997):

A palavra estresse significa “pressão”, “tensão” ou “insistência”, portanto, estar estressado indica “estar sob pressão” ou “estar sob a ação de estímulo insistente”. Chama-se de estressor qualquer estímulo capaz de provocar o aparecimento de um conjunto de respostas orgânicas, mentais, psicológicas e/ou comportamentais [...]. Essas respostas, em princípio, têm como objetivo adaptar o indivíduo à nova situação, gerada pelo estímulo estressor, e o conjunto delas, assumindo um tempo considerável, é chamado de estresse. [...] O estresse é essencialmente um grau de desgaste no corpo e da mente, que pode atingir níveis degenerativos. Impressões de estar nervoso, agitado, neurastênico ou debilitado podem ser percepções de aspectos subjetivos de estresse.

Os eventos de vida estressores têm sido diferenciados em dependentes e independentes (MARGIS; PICON; COSNER, 2003). Os independentes são aqueles que estão fora da capacidade de controle do indivíduo, como a chegada a

uma etapa de tomada de decisão da vida – o vestibular. Já os eventos dependentes são aqueles que estão intrinsecamente relacionados à forma como o indivíduo irá agir diante de determinada situação. A forma como ele irá se colocar perante a chegada do exame vestibular é um evento estressor dependente. Sendo assim, o exame é um evento independente que irá desencadear o evento estressor dependente. Os autores, ao estudarem as relações entre genética, eventos de vida estressores e depressão maior, encontraram que, em síntese, eventos de vida estressores podem ser entendidos como preditores ambientais de ansiedade e depressão.

## 1.6 ESTADO EMOCIONAL DURANTE O EXAME VESTIBULAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Além de decidir o que o adolescente vai querer da sua vida, tendo a chance de errar na escolha do curso e ter de passar por essa etapa novamente, ele deve decidir onde fará vestibular, se em uma universidade pública ou particular (fator que, na verdade, não depende apenas de “escolha pessoal”), analisar as condições financeiras dos pais e, com frequência, trabalhar enquanto passa por isso tudo. Nas classes mais desfavorecidas, a necessidade de aumentar a renda da família faz com que o adolescente se encaminhe logo para um emprego, sem ao menos terminar seus estudos, muitas vezes, prejudicando muito seu futuro profissional. Como afirmaram Bock, Furtado e Teixeira (2005), o fator econômico propicia que o esforço individual seja recompensado; assim, o aluno proveniente das classes mais altas da sociedade tem maiores chances, visto dispor de tempo para dedicar-se aos estudos e não precisar trabalhar, ter condições de alimentar-se bem, etc.

Enfim, durante a fase de preparação para o vestibular, o adolescente enfrenta não somente as incertezas relacionadas ao seu desempenho no dia da prova, como a forte cobrança da família e de amigos, situação que contribui para o surgimento da ansiedade e, em muitos casos, ultrapassa os limites da normalidade, prejudicando o desempenho do candidato. Muitas pessoas que prestam o vestibular diversas vezes podem não ser aprovadas por seu estado emocional e psicológico no dia da prova, o que é muito comum. O sentimento de obrigação de prestar vestibular e o fato de considerá-lo decisivo na vida são duas variáveis que têm efeito importante na ansiedade dos vestibulandos.

Em uma pesquisa publicada na *Revista de Psiquiatria Clínica*, do Departamento e Instituto de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), de todos os participantes da amostra, 90,5% responderam que o vestibular alterou seus hábitos de vida, e as principais modificações foram na vida social com amigos, no relacionamento familiar, no sono, na atividade física e na alimentação. Os autores do trabalho, Rodrigues e Pelisoli (2008), afirmam ser fundamental que as instituições de ensino invistam em serviços de apoio psicológico ao aluno. Para o sucesso nos exames, a habilidade para lidar com o estresse e a ansiedade é um elemento tão importante quanto o próprio conhecimento acadêmico. Muitos indivíduos bem preparados cognitivamente têm sido reprovados, às vezes, por anos sucessivos. Nesse caso, o problema pode não estar nos estudos, já que o próprio candidato sabe que tem capacidade de ser aprovado; trata-se de uma questão psicológica específica do momento da prova, que, normalmente, é negligenciada pelos candidatos durante a fase de preparação.

## 1.7 O ENEM E SUA REPERCUSSÃO

Há que se considerar, finalmente, que um fato novo se colocou nesse cenário, o do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Segundo o MEC (BRASIL, 2009b), o ENEM foi feito pela primeira vez em 1998, sofreu algumas modificações no intuito de melhor avaliar o desempenho do aluno no ensino médio e, recentemente, passou a ser usado em alguns vestibulares como certa porcentagem da pontuação do aluno. A prova, que antes consistia em cobrar competências e habilidades de uma maneira interdisciplinar, passou a se constituir de 180 questões, divididas em quatro áreas de conhecimento e uma redação. Com isso, passou a ser usado como a primeira fase dos vestibulares de 55 universidades federais do país, por decisão do governo e, particularmente, na tentativa de unificar os vestibulares. A proposta tem como principais objetivos democratizar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior, possibilitar a mobilidade acadêmica e induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio. Fora a mudança no formato, a novidade é o fato de uma só prova selecionar candidatos para todas as federais, poupando tempo e estresse dos vestibulandos.

Muitas críticas foram feitas sobre essa última medida do MEC. Em primeiro lugar, o Novo ENEM, por ser um exame nacional único, exclui da avaliação as particularidades culturais e sociais de cada região do país, permitindo que os estudantes não tenham necessidade de conhecer a realidade que circunda a instituição que irão estudar. Com esse método, os melhores colocados serão deslocados para os centros de excelência, financiados pela iniciativa privada, majoritariamente no eixo Centro-Sul, enquanto os piores colocados irão ingressar nos bacharelados interdisciplinares e cursos a distância. Dessa forma, o Novo ENEM, longe de acabar com o funil do vestibular, irá significar o aprofundamento da elitização das universidades brasileiras, enquanto para o povo pobre e de classe média restará a formação de mão de obra barata para o ingresso no mercado.

## 2 DESENVOLVIMENTO

No decorrer das leituras realizadas sobre a temática adolescência e exame vestibular, verificou-se que esse último é uma espécie de desafio que se coloca aos jovens em um momento em que se veem muito indecisos quanto à sua própria identidade, além de estarem experimentando processos de transformações em diferentes áreas, como a física, a psíquica e a social. Essa constatação motivou a desenvolver uma pesquisa empírica, de natureza qualitativa, a fim de investigar os efeitos que a realização desse exame gera na vida dos adolescentes.

Para coletas de dados foi utilizado como instrumento um questionário (anexo) com 12 questões que abrangiam tanto os adolescentes que iriam fazer o vestibular quanto os que não sabiam se iriam fazê-lo. Para os primeiros, foi perguntado a respeito da opção de universidade pública ou particular, escolha do curso, orientação vocacional, pressão da família, ansiedade, etc. Para os demais, as questões eram sobre o que gostariam de fazer, o porquê da decisão, etc.

A pesquisa foi realizada em duas escolas de ensino médio: uma particular e outra pública. A distinção entre escolas permitiu ter uma noção quanto ao padrão de renda dos alunos. Na escola da rede pública os questionários foram entregues pessoalmente, o que permitiu acompanhá-los enquanto respondiam. Já, em virtude das normas de segurança da rede particular, os questionários foram entregues pelos professores aos alunos. Isso não foi considerado um problema

já que não era expressa a opinião dos pesquisadores na presença dos sujeitos. Dessa forma, não houve diferença entre a opinião de alunos que responderam na presença ou na ausência dos pesquisadores. Não tinham limite de tempo para responder o questionário e, em geral, não tiveram dúvidas na elaboração das respostas por serem estas pessoais e de simples resposta. Nenhum aluno se recusou a responder o questionário, já que é um assunto que dominam, presente em seu cotidiano.

Participaram do estudo 37 jovens na faixa etária entre 16 e 19 anos (24 do sexo feminino e 13 do sexo masculino), destes, uma pequena parte não sabia se iria prestar o vestibular. Os demais, 97% sabiam qual curso desejavam realizar, ou seja, apenas um aluno não havia decidido ainda.

De todos os participantes, responderam as questões 27 alunos da escola particular (terceiro ano e cursinho) e 10 da pública. Quinze alunos já haviam completado o ensino médio e estavam fazendo cursinho, o restante ainda estava no terceiro ano do ensino médio. A coleta dos dados durou quatro dias, dois dias em cada escola.

## 2.1 O QUE PENSAM OS ADOLESCENTES SOBRE O VESTIBULAR

### 2.1.1 A difícil escolha entre escola pública ou particular

Sobre a opção por universidade pública ou particular, todos os alunos entrevistados tinham como preferência fazer sua graduação em uma universidade pública, alegando serem de melhor qualidade e mais conceituadas, o que facilitaria seu ingresso no mercado de trabalho. Alguns reafirmaram essa opção por não terem condições financeiras de arcar com os custos de uma faculdade particular e poucos disseram que, em razão de as universidades públicas terem uma concorrência muito alta, cogitavam a hipótese de cursar uma faculdade particular, mas isso depois de tentar o vestibular em uma pública. Dos quatro alunos que cogitavam cursar uma faculdade particular, três eram de colégio particular (11%) e apenas um de colégio público. Isso fornece um indício de que grande parte dos adolescentes que estudam em colégio público não têm condições de cursar uma graduação em faculdade particular caso não passem no vestibular em uma univer-

cidade pública. Entretanto, o que se observa na sociedade é o famoso cruzamento citado por Bock, Furtado e Teixeira (2005), alunos de colégio estadual cursando uma faculdade particular e vice-versa.

### **2.1.2 As influências na decisão do curso**

Perguntou-se aos alunos sobre já terem feito ou não a escolha do curso e o que os influenciou nessa decisão. Dos alunos que já haviam escolhido o curso, vinte e cinco (67%) o fizeram por afinidade, por acharem que se darão bem fazendo aquilo, quinze alunos (40%) optaram pelo curso dos “sonhos”, três (8%) pela influência da família (o que sempre quis que o filho fosse) e seis alunos (16%) por perspectiva financeira, ou seja, pelo retorno financeiro que a profissão poderá lhes propiciar (os alunos podiam escolher mais de uma opção). Os dados mostram que, apesar de todas as informações sobre ser necessário fazer o que se gosta para conseguir alcançar o sucesso no trabalho e a satisfação pessoal, ainda existem pessoas que não levam isso em consideração (escolhem um curso para satisfazer o desejo da família ou somente pensam no retorno financeiro que a profissão pode lhes dar). Talvez falte ao jovem aquilo para o qual Mussen (1977) chama a atenção, ou seja, não é porque o jovem está passando a criar possibilidades hipotéticas que ele teria amadurecimento cognitivo suficiente para propor e solucionar problemas de forma tão equilibrada quanto um adulto.

### **2.1.3 O papel da família na escolha**

O grupo familiar participa nas principais pressões e nos principais elementos para que o indivíduo se referencie quando escolhe qualquer coisa, inclusive sua profissão (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2005). Em razão de toda essa influência, a pergunta de número quatro foi referente à reação dos pais perante a decisão do filho quanto ao curso escolhido, e as respostas dos alunos indicam que, na maioria das vezes, os pais apoiaram, sem questionar ou influenciar na decisão. Entretanto, os pais de três alunos não foram tão coniventes assim: duas meninas da escola particular disseram que os pais tentaram convencê-las

a mudar o curso; o mesmo ocorreu com outra garota do colégio estadual, cujos pais queriam que ela optasse por outro curso, mas apoiaram a escolha dela também. Como afirmam Bock, Furtado e Teixeira (2005), a concorrência dos vestibulares já é em si um grande influenciador nas decisões dos jovens quanto ao curso a ser escolhido, além disso existe o grupo familiar e o de amigos, os quais interferem significativamente; por isso, os pais, ao abrirem para o diálogo e ao motivarem seus filhos, prestam grande ajuda aos adolescentes para a escolha do curso sem culpa.

#### 2.1.4 A orientação para uma escolha

De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2005), um serviço de orientação vocacional auxilia profundamente no sentido de viabilizar o autoconhecimento do jovem, a descoberta de suas habilidades e preferências em um momento da vida de tão profundas alterações; a implantação desse serviço deveria ser favorecida nas escolas.

Com base nisso, foi perguntado aos jovens se a escola em que estudavam oferecia orientação vocacional e se eles já haviam passado por esse tipo de experiência alguma vez. Constatou-se que apenas a escola particular fornece essa opção. De todos os alunos da pesquisa, dezoito já fizeram algum teste vocacional, ou seja, 49%. Destes, um aluno era de colégio público e realizou o teste na internet, ou seja, sem um real diálogo com o profissional responsável (apesar disso, o aluno disse que isso o ajudou). Os demais que fizeram o teste, 95%, afirmaram que este não acrescentou nada, seja porque o resultado coincidiu com o que eles já sabiam, seja por ter indicado um curso que não os agradavam. Dos que não fizeram o teste, alguns alegaram que não precisavam dessa ferramenta, visto que já estavam decididos quanto à escolha feita.

O autor Mello (2002) retrata em seu livro *O desafio da escolha profissional* que a escolha de uma profissão se relaciona com o tipo de estrutura psicológica, emocional e social do sujeito, podendo ocorrer de forma prematura. Acrescenta que a responsabilidade por uma escolha profissional não é somente do sujeito que passa pela orientação, mas também do orientador. Enfatiza que se acontecer uma escolha inadequada, poderá haver uma desestruturação existencial e emocional

do sujeito. Dessa forma, o problema citado pelos alunos da pesquisa que não se identificaram com o curso que foi apresentado pela orientação vocacional responsabiliza de certa forma o orientador do teste. Esse deve ser qualificado para tal e não simplesmente aplicador de testes retirados da internet, por exemplo, como foi citado por um dos estudantes que responderam ao questionário, já que a escolha inadequada pode trazer consequências.

### 2.1.5 As pressões externas

Esse período da vida do adolescente, em que já passa por uma turbulência emocional e ainda vive a pressão de escolher um curso que lhe traga um futuro promissor, gera um estresse emocional. Então, de acordo com Pimentel-Souza et al. (1997), o exame vestibular é um estímulo estressor independente, uma vez que está fora do controle de quem o sofre. Por isso, ao perguntar aos alunos se sentiam alguma pressão para realizar o vestibular, 65% afirmaram que sim. Alguns alegaram que os pais, tendo consciência ou não, acabavam traçando um paralelo entre ele e o irmão mais velho, apresentando várias razões: que o irmão mais velho já havia passado no vestibular; ou que ele, o aluno, já estava no segundo ano de curso preparatório e não tinha mais condições psicológicas e nem financeiras de fazer mais um ano de cursinho; ou que tinha medo de perder “tempo de vida”; pelos pais pagarem um colégio particular na espera de que o filho passe no vestibular; que a universidade era uma meta que precisava ser alcançada; ou até pela alta concorrência que os deixava mais pressionados a estudar cada vez mais. Os outros 35% disseram não se sentirem pressionados. Entre os alunos que se sentiam pressionados, 75% eram do sexo feminino, mostrando que as meninas acabam sendo mais emotivas e, por isso, sentem-se mais pressionadas que os meninos. Metade dos alunos do colégio público se sentia pressionada e metade não. Já do colégio particular, 70% deles se sentiam pressionados.

Sobre esse resultado, que se reflete na maioria dos jovens, Rodrigues e Pelioli (2008) ressaltam como é fundamental que as instituições de ensino invistam em serviços de apoio psicológico ao aluno, porque para o sucesso nos exames, a habilidade para lidar com o estresse e a ansiedade é um elemento tão importante quanto o próprio conhecimento acadêmico.

### 2.1.6 A ansiedade e o nervosismo que afligem o vestibulando

Na questão referente às alterações emocionais que os jovens estavam ou não vivenciando nesse período que antecede o vestibular, 76% deles afirmaram estarem nervosos, angustiados, ansiosos, por ser o primeiro vestibular e não saberem como é, ou por acharem que o tempo de preparação é curto demais; outros disseram ter medo de não se lembrarem da matéria no dia, pois apesar de estudarem muito, podem não estar suficientemente preparados para resolverem as provas. Quase todos afirmaram temer o resultado do exame, seja pela cobrança dos pais/amigos, seja por ser uma prova que definirá o seu futuro, seja por quere-rem passar logo, visto “não aguentarem mais” estudar; alguns também acham que quanto mais tarde entrarem na universidade, pior será para arrumar um emprego. Toda essa responsabilidade de fazer a escolha certa e atingir o resultado esperado, juntamente com a turbulência emocional, característica da adolescência, geram na maioria deles uma alteração em seus relacionamentos interpessoais, como os dados coletados comprovam.

Alves (1995) denomina “efeito guilhotina” o terror psicológico que contagia e vai aumentando à medida que o exame se aproxima. Soares (2002) salienta que no ano antecedente à sua realização, o vestibulando pode sofrer vários distúrbios psicofisiológicos e até mesmo depressão, tamanha a pressão que os jovens sofrem diante dessa prova.

Ioschpe (1996, p. 75) afirma que “[...] o período de um mês que separa o vestibulando do dia da prova é crítico, especialmente pelo lado psicológico.” Ele aponta que nesse período os vestibulandos devem se preparar para o dia de provas. Essa preparação seria em relação a seus horários de estudo, que irão depender da necessidade de cada um, entretanto, não se deve esquecer de distrair-se, sem exageros é claro. O cuidado com a alimentação e o sono também são fundamentais. Bock, Furtado e Teixeira (2005) acrescentam que o fator econômico altera muito a reação dos adolescentes de baixa e os de alta renda no dia da prova; como o aluno de uma classe mais favorecida geralmente não trabalha, tem mais tempo para dedicar-se ao estudo, tem condições de alimentar-se melhor, descansar, etc., podendo estar em melhores condições que o outro no dia do vestibular.

### **2.1.7 A conduta dos professores**

É comum os professores comentarem a respeito do exame vestibular, por isso, foi perguntado aos jovens se essa preocupação acontecia realmente e qual a opinião deles a respeito. Dos 37 alunos, catorze responderam que não se sentiam pressionados pelos professores (30% da escola pública e 41% da escola particular) e mesmo alguns desses alunos acham que é certa a atitude dos professores, uma vez que a pressão apenas atrapalha e deixa os estudantes mais nervosos. Já outros acham que deveriam pressionar mais, para mostrar a verdadeira realidade e o significado do exame vestibular; entendem que o papel dos professores é abrir os olhos dos alunos, evidenciando que eles se preocupam com seu aprendizado. Nesse caso, ficou mais nítido que no colégio público (70% responderam que sim) há mais pressão do que no colégio particular (59% responderam que sim). Outros acham que os professores que fazem alguma pressão estão errados, embora seja interessante incentivar os alunos, não se deve pressioná-los, já que às vezes até desmotiva, gerando medo e insegurança.

Estudos nas áreas da psicologia e da educação, em específico sobre a relação professor-aluno, apontam para a importância do professor na formação do aluno nos aspectos afetivos, sociais e culturais, entre outros. Em relação aos fatores psicológicos e de escolha profissional, emerge nos estudos da orientação profissional, a necessidade de aprofundamento da relação professor e aluno na sua história e no seu contexto social (FREITAS, 2006).

### **2.1.8 A maturidade do adolescente**

Também foi perguntado se os vestibulandos se achavam muito novos para tomar uma decisão tão importante para a vida ou, caso fossem aprovados em uma instituição superior de outra cidade, se estavam preparados para morar sozinhos. Um total de 15% dos alunos da escola particular respondeu que achava cedo para escolher uma profissão, mas que não eram imaturos para morar sozinhos; outros 30% responderam que sim, achavam-se novos tanto para escolher uma profissão quanto para morar sozinhos e 55% responderam que não eram novos para tomar tais atitudes. Já os da escola estadual, 40% responderam que eram novos para as

duas situações e 60% disseram que não, que já tinham maturidade suficiente para cuidar de suas vidas. Dos alunos que responderam que se achavam novos, 36% disseram que é necessária muita maturidade e responsabilidade; 21,64% acharam que a pessoa acaba se adaptando, que tem capacidade suficiente para tomar decisões e que experiências novas favorecem o amadurecimento, ou acham que estão na idade apropriada para tomar esse tipo de decisão, que as coisas acontecem no tempo certo já que havia chegado a hora de decidir a trajetória de vida deles. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2005), o problema não é ser muito novo ou não, mas é necessário dar condições para que a pessoa que vive esse dilema tenha alternativas de solucioná-lo. É preciso considerar a sociedade em que se vive, porque um jovem no Brasil que tem a oportunidade de escolher no que quer trabalhar é um privilegiado, deve agarrar a oportunidade e tentar tirar dela o melhor, já que, em grande parte dos casos, os adolescentes sequer terminam o ensino médio e já têm de começar a trabalhar para ajudar a família.

### 2.1.9 Perspectiva para o futuro

A outra questão foi sobre o que os jovens que participaram da pesquisa pretendiam fazer após o término do terceiro ano, caso não passassem no vestibular. As opções foram as seguintes: fazer um cursinho preparatório, entrar no mercado de trabalho, prestar concurso, inscrever-se em uma faculdade particular ou outra opção. Dos 37 entrevistados, 32 (86%) escolheram fazer um cursinho, destes, 50% dos alunos da escola pública e 100% dos alunos da escola particular. Três alunos (8%) disseram que iriam arrumar emprego (escola pública), totalizando 30%. Um aluno disse que iria cursar uma faculdade particular e outro que iria prestar concurso público (ambos de escola pública). Esses dados mostram que a maioria dos alunos que tem a oportunidade de fazer um cursinho pré-vestibular após o término do terceiro ano são de colégio particular. Isso acontece pelo fato de, nas classes mais desfavorecidas, haver a necessidade de aumentar a renda da família, fazendo com que alguns deles se coloquem rapidamente no mercado de trabalho. De acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2005), a possibilidade de acesso e permanência na escola está diretamente relacionada à condição social e econômica do grupo familiar, em consonância com o que mostraram os dados.

Oliveira (2005), ao analisar as idades de ingresso no mercado de trabalho e saída da escola, por meio dos dados da PPV do IBGE observa que, tanto para os homens quanto para as mulheres a transição para o mercado de trabalho é bastante intensa até os 15 anos e acaba por preceder a saída da escola. A idade mediana de saída da escola foi de 15,97 e 16,69 anos para os homens e mulheres, respectivamente, e a de entrada no mercado de trabalho foi de 13,08 e 15,66 anos. Um dos problemas que se coloca é a precocidade na entrada no mercado de trabalho, que pode influenciar negativamente a vida produtiva desses jovens, já que o tempo disponível para a dedicação aos estudos é reduzido. Esse problema apresenta impactos na vida laboral adulta, como o alcance ocupacional e salarial.

### 2.1.10 O novo ENEM

Quanto à proposta do Ministério da Educação (MEC) de substituir o vestibular das universidades federais pelo novo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), houve divergência entre os sujeitos da pesquisa. Entre os participantes, dezenove alunos concordaram com o novo modelo, representando 51%. Destes, sete eram de colégio estadual (70%) e doze de colégio particular, representando 44%. Entretanto, entre os alunos que discordavam dessa possibilidade, 30% eram da escola estadual e 56% da escola particular. Percebe-se que os alunos do colégio estadual gostaram muito mais da ideia, talvez pelo fato de não precisarem se locomover até a outra cidade para realizar a prova, diminuindo os gastos. A esse respeito, vale registrar a posição retirada no Congresso Nacional de Estudantes no Rio de Janeiro em 2009, no qual os participantes se posicionaram contrários ao ENEM, afirmando que os alunos de colégio público iriam ser os mais prejudicados com essa nova sistemática de exame, que longe de acabar com o funil do vestibular, irá significar o aprofundamento da elitização das universidades brasileiras, enquanto para o povo pobre e de classe média restará a formação de mão de obra barata para o ingresso no mercado de trabalho.

Um ensino de qualidade, entendido como aquele que considera a prática social como ponto de partida e de chegada, que faça com que os alunos consigam formar os conceitos, pode formar um cidadão que tenha menos chances de ser excluído do mercado de trabalho por falta de conhecimento, um cidadão que seja

capaz de se organizar para lutar por emprego, por medidas que melhorem suas condições de trabalho. Se for possível dar essa formação ao aluno, este terá chances de passar no vestibular ou ser aprovado em qualquer outro processo seletivo que venha a ser adotado, e ainda terá melhores condições para acompanhar um curso universitário (ORTEGA, 2001).

### 3 CONCLUSÃO

O vestibular é realmente o primeiro grande desafio da adolescência, uma escolha para a vida, cercada de expectativas, fato que não elude que essa circunstância não se coloca como alternativa para os jovens de todas as classes sociais. Investigando o significado do vestibular para os sujeitos da pesquisa, alunos de duas escolas de ensino médio (pública e privada), verificou-se que, durante a adolescência, o indivíduo enfrenta, além das angústias que caracterizam esse momento de transformação de suas vidas (no campo afetivo, cognitivo, social), as incertezas relacionadas ao seu desempenho no exame vestibular, associadas à forte cobrança da família e de amigos, situação essa que acaba contribuindo para o surgimento de sentimentos, como angústia e ansiedade que, em muitos casos, ultrapassam os limites da normalidade e prejudicam o desempenho do candidato no dia da prova.

De acordo com o estudo, o sentimento de obrigação de prestar vestibular e o fato de considerá-lo decisivo na vida foram duas variáveis que tiveram efeito importante na ansiedade dos vestibulandos. Verificou-se que existe diferença de posicionamento entre os jovens de escola pública e privada em algumas questões, mas a maioria concorda em atribuir importância à realização do exame vestibular nesse momento de suas vidas. Alterações emocionais foram citadas como recorrentes no período que antecede ao exame, o nervosismo e a ansiedade interferem nos relacionamentos interpessoais, visto provocarem mudança de hábitos, comportamentos e atitudes na rotina dos jovens.

Bock, Furtado e Teixeira (2005) afirmam que um serviço de orientação vocacional auxilia profundamente no sentido de viabilizar o autoconhecimento do jovem, a descoberta de suas habilidades e preferências em um momento da vida de tão profundas alterações, e a implantação desse serviço deveria ser favorecida

nas escolas. Um investimento em serviços de acompanhamento psicológico aos adolescentes na escola é ideal para que eles passem por esse período de difíceis escolhas e de muito nervosismo de maneira mais amena.

Outro investimento importante seria o na educação dos brasileiros: a melhoria da estrutura física e do ensino tanto de escolas públicas quanto privadas é a solução para o problema da dualidade no ensino médio e para o ingresso dos alunos no ensino superior. Obtendo esse avanço, os estudantes de escola pública e de privada enfrentariam, com mais segurança, qualquer exame de avaliação e teriam mais tempo para se preocupar com as importantes decisões que devem tomar nesse período.

Como afirma Erikson (1972), se a adolescência é realmente a fase de afirmação de quem a pessoa será, a definição da identidade ocupacional se constitui, definitivamente, em uma das questões que mais preocupa e aflige o jovem, a escolha do trabalho para o qual ele se voltará, por assumir grande importância na determinação do seu lugar na sociedade. Nesse grande desafio, inscreve-se o exame vestibular no decorrer do qual o jovem deverá demonstrar os conhecimentos acumulados, e que, uma vez superado, permitir-lhe-á adentrar na academia, lugar que serve não somente para aprofundar e ampliar conhecimentos, mas para exercitar a sua liberdade e independência, portas de entrada para o mundo adulto, no qual se coloca a difícil tarefa de continuar a assumir responsabilidades cada vez maiores e mais sérias perante a sociedade.

### ***Biological, psychological and social influences of university entrance test during adolescence***

#### *Abstract*

*This study shows the reflections arising from a survey carried out to investigate the meaning of university entrance test to the teens, a challenge that occurs in a moment when they find themselves very uncertain about their own identity. The survey was conducted with young people of both sexes aged from 16 to 19 years old. The data were collected in two high schools (one private and one public) using a questionnaire. The students who would undergo the exam at the end of 2009 stated that this fact has interfered intensively in their habits, routine and behavior, including changes in their interperso-*

*nal relationships, by generating anxiety, anguish, stress. Some from those who attend public school, approved of the changes introduced by the Enem, contrary to what the private school children felt. The results show that the requirement to make a choice of a profession that needs to be exercised for life, just by making this exam, has a strong influence on the youth. This happens experiencing the conflicts inherent in the identity crisis, whose resolution will define their future adjustment.*

*Keywords: Adolescence. University entrance test. Identity. Emotional conflicts.*

### Nota explicativa

<sup>1</sup> Realizada como atividade prática da disciplina de Psicologia da Educação, no Curso de Ciências Biológicas da UEM, no ano de 2009.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 2000.

ALVES, Rubem. O fim dos vestibulares. **Folha de São Paulo**, p. 1-3, 1995.

BIANCHI, Alvaro. **Trangressões**: as ocupações estudantis e a crise das universidades. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**. Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2005.

BRASIL. Presidência da República. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 9 nov. 2009a.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Novo ENEM**. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13318&Itemid=310](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13318&Itemid=310)>. Acesso em: 24 set. 2009b.

COOL, Cezar; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Psicologia evolutiva. v. 1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

ERIKSON, Erick Homburger. **Identidade, juventude e crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

\_\_\_\_\_. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FREITAS, Patrícia Maria de Lima. **Professores de cursos pré-vestibulares e a escolha profissional de seus alunos**: um estudo na cidade de Maringá, PR. 2006. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

IOSCHPE, Gustavo Berg. **Vestibular não é o bicho**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1996.

KALINA, Eduardo. **Psicoterapia de adolescentes**: teoria, técnica e casos clínicos. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

KRISTENSEN, Christian Haag; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Psicopatologia na adolescência**. São Leopoldo: Unisinos. Disponível em: <<http://www.saude.unisinos.br/~christian/docs/psicopato.doc>>. Acesso em: 13 jun. 2009.

MARGIS, Regina; PICON, Patrícia; COSNER, Annelise Formel. Stressfull life-events, stress and anxiety. **Revista de Psiquiatria**, v. 25, p. 65-74, 2003. Suplemento.

MELLO, Fernando Achilles. **O desafio da escolha profissional**. São Paulo: Papirus, 2002.

MION, Cintia Renata. **Psicologia virtual**. São Paulo. Disponível em: <<http://www.psicologiovirtual.com.br/psicologia/principal/conteudo.asp?id=3918>>. Acesso em: 12 jun. 2009.

MUSSEN, Paul Henry. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra, 1977.

OLIVEIRA, Elzira Lucia. **Transições**: três aplicações a partir de dados das pesquisas domiciliares no Brasil. 2005. 137 f. Tese (Doutorado em Demografia)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

ORTEGA, Eliane Maria Vani. O ensino médio público e o acesso ao ensino superior. **Estudos em Avaliação educacional**, n. 23, p. 153-176, 2001.

PIMENTEL-SOUZA, Fernando et al. O estresse e as doenças psicossomáticas. **Revista de Psicofisiologia da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 1-22, 1997.

ROCHA, Tiago Humberto Rodrigues; RIBEIRO, João Eduardo Caixeta; PEREIRA, Gilberto de Araújo. Sintomas depressivos em adolescentes de um colégio particular. **PsicoUSF**, v. 11, n. 1, p. 95-102, 2006.

RODRIGUES, Daniel Guzinski; PELISOLI, Cátula. Ansiedade em vestibulandos: um estudo exploratório. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, n. 5, p. 171-177, 2008.

SOARES, Dulce Helena Penna. Como trabalhar a ansiedade e o estresse frente ao vestibular. In: LEVENFUS, Rosane Schotgues; SOARES, Dulce Helena Penna (Org.). **Orientação Vocacional Ocupacional: Novos achados teóricos, técnicos e instrumentos para a clínica, a escola e a empresa**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 105-116.

SPOSITO, Marília Pontes. **Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

Recebido em 23 de novembro de 2009

Aceito em 13 de abril de 2010